



DOSSIÊ TEMÁTICO:

ESPAÇOS E DINÂMICAS CULTURAIS NA ÁFRICA SUBSAARIANA

Artigo



“CULTURA DE PAZ EM TEMPOS DE GUERRA: MEMÓRIAS DE RELIGIOSOS SOBRE O INÍCIO DAS NEGOCIAÇÕES PELA PAZ EM MOÇAMBIQUE, 1982-1994”

CULTURE OF PEACE IN TIMES OF WAR: MEMORIES OF RELIGIOUS ABOUT THE BEGINNINGS OF NEGOTIATIONS FOR PEACE IN MOÇAMBIQUE, 1982-1994

CULTURA DE PAZ EN TIEMPOS DE GUERRA: MEMORIAS DE RELIGIOSOS SOBRE EL INICIO DE LAS NEGOCIACIONES DE PAZ EN MOZAMBIQUE, 1982-1994

Por Cristiane Nascimento da Silva

Cristiane Nascimento da Silva
Doutora em História, Universidade Federal Fluminense, Brasil,
<http://lattes.cnpq.br/0475114501603704>
cristianenasc@yahoo.com.br

Como citar
SILVA, Cristiane Nascimento da (2022) Cultura de paz em tempos de guerra: memórias de religiosos sobre o início das negociações pela paz em Moçambique, 1982-1994. **Boletim GeoÁfrica**, v. 1, n. 4, p 23-39, out. - dez. 2022

Recebido 17/09/2022
Aceite: 25/09/2022



RESUMO. Em 04 de outubro de 2022, Moçambique comemora 30 anos da assinatura do primeiro Acordo Geral de Paz, também conhecido como Acordo de Roma, por ter sido assinado na capital italiana depois de um longo período de negociação. Este primeiro acordo tinha por intenção selar a paz em Moçambique após 16 anos de uma sangrenta guerra civil, que devastou o país e que envolveu dois grupos que hoje formam os dois partidos mais importantes de Moçambique: a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e da Renamo (Resistência Nacional de Moçambique). Considerando estas informações, este artigo tem por objetivo apresentar brevemente o contexto da guerra civil em Moçambique e a necessidade, à medida que o conflito se acirrava, de se construir uma cultura de paz. Este movimento foi liderado pelas diferentes confissões religiosas do país, especialmente pela Igreja Católica e pelo Conselho Cristão de Moçambique. A partir das memórias do bispo católico, D. Jaime Gonçalves e do bispo anglicano, D. Dinis Sengulane, discutiremos as articulações feitas pela paz, que mobilizou além dos atores da guerra, as instituições internacionais e a população moçambicana.

Palavras-chave: Moçambique; Cultura; Memória.

ABSTRACT. On October 4, 2022, Mozambique celebrates the 30th anniversary of the signing of the first General Peace Agreement, also known as the Rome Agreement, as it was signed in the Italian capital after a long period of negotiation. This first agreement was intended to seal peace in Mozambique after 16 years of a bloody civil war, which devastated the country and which involved two groups that today form the two most important parties in Mozambique: Frelimo (Mozambique Liberation Front) and of Renamo (National Resistance of Mozambique). Considering this information, this article aims to briefly present the context of the civil war in Mozambique and the need, as the conflict intensified, to build a culture of peace. This movement was led by the country's different religious denominations, especially the Catholic Church and the Christian Council of Mozambique. From the memories of the Catholic bishop, D. Jaime Gonçalves and the Anglican bishop, D. Dinis Sengulane, we will discuss the articulations made by peace, which mobilized, in addition to the war actors, international institutions and the Mozambican population.

Keywords: Mozambique; Culture; Memory.

RESUMEN. El 4 de octubre de 2022, Mozambique celebra el 30 aniversario de la firma del primer Acuerdo General de Paz, también conocido como Acuerdo de Roma, ya que fue firmado en la capital italiana tras un largo período de negociación. Este primer acuerdo pretendía sellar la paz en Mozambique después de 16 años de una cruenta guerra civil, que asoló el país y que involucró a dos grupos que hoy forman los dos partidos más importantes de Mozambique: Frelimo (Frente de Liberación de Mozambique) y de Renamo (Frente Nacional de Liberación). Resistencia de Mozambique). Teniendo en cuenta esta información, este artículo tiene como objetivo presentar brevemente el contexto de la guerra civil en Mozambique y la necesidad, a medida que el conflicto se intensificó, de construir una cultura de paz. Este movimiento fue liderado por las diferentes denominaciones religiosas del país, especialmente la Iglesia Católica y el Consejo Cristiano de Mozambique. A partir de las memorias del obispo católico, D. Jaime Gonçalves y del obispo anglicano, D. Dinis Sengulane, discutiremos las articulaciones hechas por la paz, que movilizaron, además de los actores de la guerra, a las instituciones internacionales ya la población mozambiqueña.

Palabras clave: Mozambique; Cultura; Memoria.



INTRODUÇÃO

Em 04 de outubro de 2022, Moçambique comemora 30 anos da assinatura do primeiro Acordo Geral de Paz, também conhecido como Acordo de Roma, por ter sido assinado na capital italiana depois de um longo período de negociação. Este primeiro acordo tinha por intenção selar a paz em Moçambique após 16 anos de uma sangrenta guerra civil, que devastou o país e que envolveu dois grupos que hoje formam os dois partidos mais importantes de Moçambique: a Frelimo¹ (Frente de Libertação de Moçambique) e a Renamo² (Resistência Nacional de Moçambique).

O conflito que esfacelou o país³, começou dois anos após a independência nacional de 1975 e suas origens podem ser explicadas por fatores externos e internos. As razões externas se relacionam com o apoio que a Renamo, inaugurado como MNR (Mozambican National Resistance) recebeu de países como Rodésia e África do Sul, governados na época por uma minoria branca em um regime de segregação racial. Os dois países haviam auxiliado o regime português contra o movimento de independência moçambicano.

Com a independência de Moçambique, a Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) – partido que liderou a guerra de libertação e assumiu o controle do país – apoiou o movimento de independência do Zimbábue (antiga Rodésia). A Frelimo permitiu o estabelecimento de guerrilheiros da União Nacional Africana do Zimbábue (ZANU - Zimbabwe African National Union) em seu território. Também aplicou sanções, uma delas encerrava as fronteiras entre os dois

¹ Frente de Libertação Nacional de Moçambique, é o partido que liderou a independência do país a partir de 1964 e que governa o país até hoje. Foi fundada em 1962, na atual Tanzânia, e reunia outros movimentos de libertação de Moçambique: a UNEMO (União Nacional dos Estudantes de Moçambique), a MANU (Mozambique African National Union) e UDENAMO (União Democrática Nacional de Moçambique), tendo como principal líder Eduardo de Mondlane.

² Resistência Nacional Moçambicana, grupo armado criado em 1975 e financiado pela Organização Central de inteligência da Rodésia, um estado controlado por minoria branca, criado em 1965 no território do atual Zimbábue. Fundado inicialmente como unidade militar e não como movimento político, a RENAMO contou com forte apoio do primeiro-ministro rodesiano Ian Smith. O primeiro-ministro via na formação desse grupo a possibilidade de conter os militantes que desejavam pôr fim ao estado da Rodésia e que contavam com a ajuda da FRELIMO. Uma das primeiras funções da RENAMO foi chefiar ataques em Moçambique que cortassem as comunicações e agissem em auxílio das forças rodesianas contra a ZANLA (Zimbabwe African National Liberation Army) grupo armado apoiado pela FRELIMO. A partir de 1977, FRELIMO E RENAMO lutaram por quase vinte anos pelo controle do país em uma sangrenta guerra civil que só terminou em 1994.

³ Sobre a guerra civil em Moçambique e o contexto da África Austral, ver: MINTER, William. Os contra do Apartheid: As raízes da guerra em Angola e Moçambique, 1998; VINES, Alex. Renamo: terrorism in Mozambique. York, 1991.; GEFFRAY, Christian. A causa das armas: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique, 1991.



países prejudicando fortemente a economia rodesiana, pois o país não possui passagem direta para o mar, e todo o seu comércio utilizava rotas comerciais que cruzavam os territórios sul-africano e moçambicano⁴.

A Rodésia concentrava um número expressivo de colonos portugueses que saíram de Moçambique no pós-independência, eram eles: comerciantes, pequenos proprietários, grupos de soldados desmobilizados das unidades especiais do exército colonial e das milícias privadas dos grandes latifundiários. Apesar de formar um grupo tão heterogêneo, eles partilhavam o ódio contra o novo regime que governava Moçambique.

Este grupo, junto com membros da polícia secreta portuguesa, desertores da Frelimo e auxiliados pela Central Intelligence Organization (CIO) da Rodésia formaram o Mozambican National Resistance (MNR). Seu primeiro comandante foi André Matsangaíssa, ex-integrante do exército da Frelimo.

A partir dos anos de 1980, o MNR começou a contar com o apoio direto da África do Sul, o que contribuiu exponencialmente para o aumento da sua capacidade militar. Apesar de não assumir uma postura explícita de embate direto com Moçambique, a África do Sul se envolveu nas operações do MNR, fornecendo homens e equipamentos militares, optando em paralelo por uma política de estrangulamento econômico e político. Apesar de haver um fator externo importante para guerra civil, existiam fraturas internas igualmente responsáveis pelo conflito. Christian Geffray analisou estes aspectos e propôs uma análise diferente da chave “nacionalistas da Frelimo” X “bandidos armados”⁵.

Para Geffray, o auxílio internacional contribuiu para que o MNR tivesse meios técnicos para fomentar a guerra, mas este aspecto não é suficiente para explicar como o conflito se manteve mesmo depois que as fontes estrangeiras deixaram de ajudar. O autor defende que a guerra se alimentou das rupturas sociais e dinâmicas das sociedades rurais moçambicanas. Também foi fruto de uma incapacidade da Frelimo de se relacionar com as populações, desconsiderando a diversidade étnica, as práticas locais e as suas aspirações, enquadradas, na estrutura de um governo marxista-leninista, como obscurantistas⁶.

⁴ HANLON, Joseph. Who calls the shots. Indiana: Indiana University Press, 1991.

⁵ GEFFRAY, Christian. A causa das armas: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

⁶ Ibidem.p. 14-16.



Nos primeiros anos da década de 1980 os ataques da MNR/Renamo⁷ fizeram grandes estragos em Moçambique, arruinando serviços sociais e vias de comunicação. Este cenário de destruição coincidiu com a maior seca que assolou o país nos últimos cinquenta anos. Estima-se que mais de 100.000 pessoas morreram de fome neste período⁸. Entre 1980 e 1988 a UNICEF estimou que 494.000 crianças com menos de cinco anos morreram entre 1980 e 1988, devido a causas relacionadas com a guerra, tanto mortes diretas como às relacionadas com o impacto da guerra ao provocar fomes e doenças⁹.

Este cenário de crise econômica e humanitária causada pela seca e pela fome exigiu que o governo buscase novas aproximações internas e externas e foram elas que permitiram trilhar um caminho pela paz. As negociações pelos acordos de paz assinados primeiramente em 1992 foram intermediadas pela comunidade religiosa italiana de Santo Egídio, com auxílio do governo italiano e com participação da diplomacia norte-americana. No entanto, antes dessas negociações, houve uma intensa mobilização que se iniciou internamente através da atuação de membros de diferentes confissões religiosas em Moçambique.

É provável que a primeira tentativa de construção para a paz tenha aparecido nos discursos do bispo católico D. Jaime Gonçalves¹⁰ e do bispo anglicano D. Dinis Sengulane¹¹ durante um encontro ocorrido entre o governo moçambicano, representado pelo presidente Samora Machel (1975 – 1986) e as confissões religiosas em dezembro de 1982. Os dois bispos se pronunciaram a respeito da paz em um momento em que, apesar de extrema crise, o governo negava veementemente que se tratava de uma guerra fratricida, atribuindo o conflito exclusivamente a razões externas.

⁷ A partir de 1983 o Mozambique Nacional Resistance deixou de usar o acrônimo MNR e se intitulou Resistência Nacional Moçambicana (Renamo).

⁸ MINTER, William. Op. cit. p. 57.

⁹ Ibidem, p. 07.

¹⁰ Jaime Gonçalves foi o primeiro bispo da Beira, era arcebispo emérito da Beira. e faleceu um pouco depois desta entrevista. Fez parte do primeiro grupo de sacerdotes moçambicanos a serem sagrados bispos. Teve um importante papel no processo de negociação da paz no país na década de 1990 e desde os anos 1980 discursou sobre a importância do diálogo para o fim da guerra civil que se instaurou no país na década de 1970.

¹¹ Dinis Sengulane é bispo anglicano da Diocese dos Libombos e ex-presidente do Conselho Cristão de Moçambique. Foi uma das lideranças religiosas que participou ativamente no processo de negociação da paz no país, além de desenvolver importantes projetos sociais como o “Armas por enxadas”, implantado com o término da guerra e que tinha por objetivo auxiliar na reconciliação entre os cidadãos ao propor a troca de armas por instrumentos de trabalho. O bispo participou diretamente do evento 1982 e se pronunciou como representante da Igreja Anglicana de Moçambique



É sobre esse primeiro momento que concentraremos as análises deste artigo, lançando mais luz neste encontro e na atuação dos bispos do que as negociações em Santo Egídio. Nossas análises são construídas a partir das memórias dos bispos, publicadas em livros e das entrevistas realizadas com eles em 2015 nas cidades de Maputo e Beira. O encontro ocorrido entre o governo e as confissões religiosas de 1982 foram gravadas, por isto utilizaremos os áudios como fonte.

O ENCONTRO DE 1982 E A QUESTÃO DA PAZ

O encontro ocorrido entre as confissões religiosas¹² e o governo moçambicano entre os dias 14 e 16 de dezembro inauguraram a busca por uma nova relação com esses setores, vistos pelo governo, desde a independência, com muita desconfiança por suas relações com o governo colonial português (especialmente a Igreja Católica).

Oficialmente, a proposta do encontro era chamar atenção para a “importante contribuição das Igrejas na nação em desenvolvimento” e “reafirmar o papel e a responsabilidade das diversas confissões religiosas na formação moral, ética e na educação patriótica”.¹³ Além disto, havia um entendimento que a mobilização de setores como as Igrejas, devidamente controladas pelo Estado, poderiam ser importantes aliados através das relações internacionais que possuíam.

A aproximação com as organizações religiosas internacionais possibilitava uma maior entrada de recursos financeiros no país, mas também permitia o estabelecimento de laços que beneficiavam as instituições religiosas em Moçambique. Além do apoio interno das denominações religiosas, havia uma estratégia diplomática de estreitar relações entre Moçambique e os países sedes dessas Igrejas.¹⁴ A ideia de apoio externo pode nos ajudar a compreender a escolha das instituições convidadas para o evento: as religiões de matriz cristã, os representantes da Igreja Católica, o Conselho Cristão de Moçambique e algumas igrejas protestantes liberais, evangélicas¹⁵

¹² Entre as confissões religiosas convidadas, o governo se concentrou nas igrejas cristãs e alguns setores do islamismo, excluindo segmentos como os representantes das religiões de matriz africana, das confrarias sufis e os Testemunhas de Jeová. Cf. SILVA, Cristiane Nascimento. *Viver a fé em Moçambique: as relações entre a Frelimo e as confissões religiosas*. Tese de doutorado, Universidade Federal Fluminense, 2017. p. 173-177.

¹³ *Jornal Notícias*, 15 de dezembro de 1982 e 16 de dezembro de 1982.

¹⁴ Entrevista com José Luís Cabaço, São Paulo, 08/07/2017.

¹⁵ De maneira geral, é possível distinguir os protestantes históricos ou liberais dos evangélicos pelas suas diferentes interpretações bíblicas, métodos de evangelização, entre outros aspectos. No contexto moçambicano, as protestantes liberais são: Igreja Presbiteriana (antiga Missão Suíça), Igreja Congregacionista (antiga American Board Mission), Igreja Anglicana e a Igreja Metodista Unida. Entre as evangélicas podemos citar: Igreja Nazarena, Igreja Metodista



e independentes.¹⁶ Essas Igrejas representavam o apoio de Roma e de outros países católicos, dos países nórdicos, da Alemanha, da Inglaterra e dos Estados Unidos (este último visto como um dos países que contribuía com a RENAMO).

Durante o evento, após o discurso de abertura feito pelo presidente Samora Machel os representantes de cada segmento religioso convidado tiveram a oportunidade de falar ao público. D. Jaime Gonçalves, representou os católicos por ser o bispo da segunda paróquia mais importante do país e presidente da Conferência Episcopal dos Bispos de Moçambique à época. Ele foi o primeiro a falar, mas o seu discurso foi abruptamente interrompido pelo presidente:

Dom Jaime (D.J): Senhor presidente, excelência, preocupamo-nos as perturbações internas a partir de ações que destroem vidas e bens e impedem o progresso. Esta verificação compromete-nos a procurar com todos os moçambicanos, nós os consideramos, caminhos que conduzam a paz. Muito obrigado.

Samora Machel (SM): Dom Jaime, quem são estes?

D.J: Creio que, vossa excelência, senhor presidente deve saber quem é moçambicano e quem não é moçambicano, o estatuto do cidadão moçambicano, portanto quem é moçambicano é convidado a amar a sua pátria.

S.M: Mas quem são, onde estão? Vocês estão aqui? Vocês crentes estão aqui, quem são esses outros?

D.J: É todo povo.

S.M: o povo já está conosco, mas quem são esses outros? que vocês pensam que! ... obrigado, Dom Jaime.

D.J: a paz, se me permite, a paz como está aqui, digamos, expresso o desejo, como está aqui expresso o desejo, a paz, de fato, é de todos os moçambicanos, mas os moçambicanos como povo...

SM: Não, as perturbações internas a partir de ações que destroem as vidas e bens e impedem, portanto. Com esta verificação, é justo que procuremos caminhos corretos que conduzam a paz a todos os moçambicanos. Quem são esses outros moçambicanos? Quem são? Moçambicanos? Onde estão esses moçambicanos? Bem, não quero fazer diálogo aqui, não quero fazer. Mas ficar claro certas coisas ambíguas, não. Na ocasião não posso... neste momento, de responder.¹⁷

Livre, União Baptista, Open Doors e African In land Mission, Adventistas do 7º dia, Assembleia de Deus. Sobre o “esquecimento” das igrejas evangélicas na historiografia, cf. MORIER-GENOUD, Eric. Arquivos, historiografia e igrejas evangélicas em Moçambique. In: *Estudos Moçambicanos* 19 (2002) p. 137-154.

¹⁶ Em seu aspecto teológico as Igrejas Independentes Africanas surgiram com o rompimento com uma Igreja de origem europeia. A Igreja Africana de Gaza foi a primeira independente em Moçambique, fundada em 1907 por Benjamin Mavadhla, fruto da cisão com a Igreja Wesleyana. São exemplos deste segmento religioso: Igreja Episcopal Luso-Africana, Igreja Nacional Etiópica de Moçambique, Igreja Luz Episcopal. Cf. HONWANA, Alcinda. p. 138-139.

¹⁷ Encontro com as confissões religiosas, dezembro de 1982. Arquivo Histórico de Moçambique, Fundo Oral. Fita 623.



A pergunta feita por Samora Machel a D. Jaime a respeito de quem eram os indivíduos com quem se deveria negociar, negando que fossem moçambicanos, tem relação direta com a ideia de se evitar a leitura de que se tratava de uma guerra civil. Para Samora, os atos de crueldade enumerados não poderiam ser feitos por moçambicanos e dada essa condição e essa postura seria impossível negociar.

Curiosamente, a aproximação com as religiões teria a ver com a dificuldade crescente em lidar com os “bandidos armados” reforçando ainda mais a noção de que a situação da guerra já era muito grave e que era necessário buscar uma ampliação de suas bases. No entanto, em seu discurso o presidente acusava aqueles que se dispunham a um diálogo para o fim da guerra de serem antipatrióticos e desejarem a manutenção dos antigos privilégios. Ou seja, o convite ao diálogo com as religiões institucionalizadas tinha limites muito bem definidos quanto a sua participação e quanto ao horizonte de discussões que poderiam ser estabelecidas.

Para Samora era impossível admitir naquele momento que a guerra que dilacerava o país tinha origens também na própria sociedade moçambicana e na incapacidade do governo de atender a determinadas demandas sociais, ainda que a organização da Renamo tivesse sido orquestrada externamente.¹⁸¹⁹

O bispo anglicano D. Dinis Sengulane também foi constrangido pelo presidente Samora. Em seu discurso, Sengulane citou o problema da fome como uma questão de grande preocupação no trabalho das igrejas. Também mencionou a necessidade de se encontrar meios pacíficos para acabar com a guerra. Em seguida, falou sobre a falta de clareza e efetividade do artigo constitucional que dispunha pela liberdade religiosa no país, mas na realidade essa legislação não se aplicava.

¹⁸Cf. GEFFRAY, Christian. *A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

¹⁹ A discussão a respeito de quando o conflito pós-independência em Moçambique deixou de ser ataques de tropas subordinadas ao governo rodesiano e sul-africano para se tornar uma guerra civil é tema de debate entre os intelectuais em Moçambique. Alguns deles, como José Luís Cabaço, defendem que até 1984 o que existia era uma guerra de agressão contra Moçambique por tropas subordinadas aos países estrangeiros. Só depois desse momento, há uma reestruturação enquanto grupo e o conflito contra a Frelimo ganha moldes de guerra civil. Seguindo esta interpretação, é possível justificar a utilização do termo “bandidos armados” por Samora Machel, por haver nesse momento uma maior identificação com essas nações estrangeiras.



Samora Machel negou veementemente que o governo estaria com dificuldades para combater o MNR/Renamo²⁰ que ele chamava de “bandidos armados”. Criticou seriamente a fala de D. Jaime e de D. Dinis Sengulane de que deveria haver concórdia e paz entre todos os moçambicanos e disse que não seria possível estabelecer qualquer diálogo ou acordo com aqueles que desempenhavam ações hediondas como o estupro de mulheres grávidas, de senhoras de 70 anos, sequestros, mutilações, destruição de escolas, hospitais e tantas outras atrocidades. A longa citação a seguir, transcrita do áudio do evento, é capaz de expressar a força empenhada por Samora e a tensão que se instalou no auditório naquele momento:

Há aqui certas ideias que são ventiladas, não de agora. “Ah, o Estado agora chamou os religiosos todos, porque o Estado está a sofrer com os bandos armados”.

(...). Disse que “houve adiamento do congresso em 81, oh! Porque querem criar condições de negociar com bandidos”. “Chamaram esta reunião porque está a atrapalhar o Estado”. O Estado a atrapalhar? ... o Estado a atrapalhar? O povo moçambicano a atrapalhar? (...) ouvimos: “Ai, são ações mesmo aqui dentro”. Apregoam a necessidade de haver, por exemplo, concórdia e a paz entre todos os moçambicanos. Esta é maneira de dizer o problema. Quais esses todos moçambicanos? Nós estamos aqui, todos os moçambicanos, de várias tendências. Estamos aqui dentro. Estamos aqui dentro.

(...) Temos de ter uma ideia clara sobre quem são os bandidos armados. Temos de vos explicar a origem dos bandidos armados. Não é hoje que começamos a lutar contra os bandidos armados. Desde 1962, quando fundamos a FRELIMO. A nossa luta foi sempre contra bandidos armados (...).

Aqueles que raptam mulheres grávidas. Uma mulher de cinco meses de gravidez, de seis meses, de sete meses, ... obrigam-nas a marchar longas distâncias, violam-nas e fazem delas sua propriedade. É oposição? Aqueles que raptam menores de 8 a 10, anos violam-nas. Aqueles que raptam mulheres com 70 anos, obrigam-nas a marchar longas distancias e violam-nas! Estas serão oposição, estes serão a alternativa? É com estes que vamos fazer a concórdia? Vejamos a mais. Aqueles que raptam professores. Professores que difundem o saber e a ciência, que raptam alunos e destroem escolas! (...).

(...)É com estes. ... é com eles que devemos negociar e considerá-los nossos aliados, significa que esses elementos que querem que o governo da República Popular de Moçambique, negocie com assassinos e ladrões, com raptadores e sádicos, com marginais, drogados e antissociais. Querem que negociemos com os vendilhões da pátria, com os inimigos implacáveis de sempre do povo moçambicano? Fazemos isto significa respeitar a memória... fazer isso, fazermos isto, significa desrespeitar a memória daqueles que perderam seu sangue pela liberdade do povo moçambicano(...).²¹

Para Samora Machel, a Renamo era autora de tantas atrocidades que era inegociável qualquer tentativa de paz. No entanto, os bispos através de suas redes nacionais e internacionais seguiram buscando alternativas para o intento. Em entrevista, D. Jaime rememorou aquele momento, declarando que após a fala do presidente, todos ficaram em silêncio, mas depois a

²⁰ Mozambican National Resistance, que no ano seguinte, em 1983, assumiria o nome de RENAMO.

²¹ Encontro com as confissões religiosas, dezembro de 1982. Arquivo Histórico de Moçambique, Fundo Oral. Fita 623.



Conferência Episcopal de Moçambique procurou refletir sobre a situação. A narrativa do bispo se confirma ao analisarmos os títulos das Cartas Pastorais, dedicadas aos fiéis católicos, publicadas pela Conferência Episcopal dos Bispos de Moçambique entre os anos de 1982 até 1994. Quase todos os títulos fazem referência explícita a necessidade e a urgência da paz no país.

A CONSTRUÇÃO DA PAZ – ATUAÇÃO DOS BISPOS

O ano de 1984 trouxe uma brisa de esperança aos moçambicanos. Neste ano foi assinado o Acordo de Nkomati, um tratado de não-agressão entre África do Sul e Moçambique, assinados pelos presidentes Pieter Botha e Samora Machel. Dentre os termos no tratado, a África do Sul se comprometia em deixar de apoiar a Renamo e Moçambique de apoiou a ANC (African National Congress). No entanto, o acordo não foi suficiente para cessar os conflitos em Moçambique e as Igrejas seguiram em seus esforços pela paz.

Ainda neste ano de 1984, o CCM estabeleceu uma comissão, nomeada Comissão de Paz e Reconciliação, para cuidar dos assuntos relacionados a busca pela paz. Ao nível da vivência das Igrejas protestantes, foram realizados cultos pela paz, estudos bíblicos com esta temática e elaboração de orientações por parte do CCM que deveriam ser lidas nas igrejas.

A Igreja Católica em Moçambique também se mobilizou para discutir este assunto. Entre 1979 e 1994 (ano das primeiras eleições democráticas em Moçambique) a Igreja publicou cerca de 20 Cartas Pastorais sobre esta temática.²² Uma delas, *A paz que o povo quer*, de 1987 quase levou os bispos católicos a prisão ao afirmar que “a paz que o povo quer depende da Frelimo e da Renamo”.²³

Somente após a morte de Samora Machel, em 1986, já no governo de Joaquim Chissano, que as discussões sobre a paz avançaram. Em dezembro de 1987 o CCM foi recebido pelo presidente Joaquim Chissano para tratar sobre as possibilidades de se iniciar uma conversa com a Renamo em busca da paz. Pela primeira vez isso foi visto como uma possibilidade, então os bispos decidiram procurar os representantes da Renamo.

²² Cartas disponíveis no Acervo do Conselho Episcopal de Moçambique.

²³ GONÇALVES, Jaime. *A paz dos moçambicanos*. Maputo: s/e, 2015. p.11.



A busca pela Renamo era um trabalho perigoso. Além de ser quase inacessível por seu núcleo se situar em meio a floresta do Gorongosa e não haver representantes disponíveis, esse diálogo poderia ser interpretado pelo governo como crime, previsto na “Lei dos crimes contra a segurança do povo e do Estado”.

Para esta empreitada o Conselho Cristão de Moçambique, que era protestante se uniu a Conferência Episcopal de Moçambique, que reunia bispos católicos. Juntos, representantes dos dois grupos formaram uma delegação e viajaram para os Estados Unidos com o intuito de estabelecerem contato que viabilizasse o encontro com a Renamo. Entre os bispos que participaram desta delegação estavam D. Dinis Sengulane, bispo anglicano e D. Alexandre José Maria dos Santos, arcebispo de Maputo. Apesar de fracassarem na empreita de encontrar os representantes da Renamo, em Nova York, conheceram Arthur Vilanculo, comerciante que afirmou ter relações com a Renamo e se prontificou a viabilizar o encontro.

Por parte dos católicos, a Conferência Episcopal de Moçambique, formada pelos bispos do país elaborou em novembro de 1987 três pontos de ação que pudessem viabilizar uma reconciliação nacional. Entre as ações, previu-se a criação de uma comissão de diálogo com o governo que pudesse discutir uma paz negociada. Essa comissão seria formada pelo presidente da república e três arcebispos. Uma outra comissão, formada pelo arcebispo de Maputo D. Alexandre José Maria dos Santos e pelo arcebispo da Beira, D. Jaime Gonçalves, foi criada com a intenção de buscar contatos com a Renamo.

Entre os anos de 1987 e 1993, a comissão de diálogo realizou 15 encontros com o governo. Para conseguir encontrar algum contato que viabilizasse o encontro com o líder da Renamo, D. Jaime precisou viajar, em 1988, para Tanzânia, Nairobi, Roma. Recebeu informações de que conseguiria encontrá-lo no Egito, mas desistiu dessa ideia. O encontro com Afonso Dhlakama aconteceu em junho de 1988 a partir de um telefonema vindo da Alemanha. Inicialmente a reunião aconteceria na República Democrática do Congo. Foi dentro do avião, que levaria o bispo D. Jaime ao encontro do líder da Renamo, que ele descobriu que o destino não seria o Congo, mas a África do Sul. Após um novo voo, foi informado que seu destino era o seu próprio país, a região da serra da Gorongosa, reduto da Renamo. Foi em volta de uma fogueira, em meio a floresta, que a primeira conversa aconteceu. D. Jaime relatou que Dhlakama se queixou: “*Olha, você está a ver isso aqui,*



*estes carros todos de guerra, já são inutilizados. Aqui não há nenhuma loja pra comprar nada, estamos a comer lagartixas aqui, estamos a sofrer...*²⁴

O sofrimento narrado por Dhlakama no discurso de D. Jaime se contrasta com a própria descrição feita pelo religioso do encontro em seu livro, no qual relatou ter sido recebido com frango frito e whisky.

Nas entrevistas que realizamos todos os que contaram sobre este tema afirmaram que o presidente Joaquim Chissano sabia da movimentação das Igrejas em relação a Renamo na busca pela paz. Ele teria se colocado de maneira cética, mas não proibiu que os religiosos agissem. No entanto, estes movimentos deveriam ser feitos em segredo, pois havia segmentos dentro da Frelimo que eram radicalmente contra as negociações com a Renamo e isso certamente geraria um mal-estar entre o presidente e o seu partido.

De acordo com o depoimento de D. Jaime, Chissano reagiu da seguinte maneira ao saber sobre o encontro:

34

Ah não, mas isso não é verdade!

[D. Jaime] disse: é, sim senhor. Ele [Dhlakama] quer diálogo com o governo. E quer ajuda da igreja para isso. Então, o Chissano encontrou motivo junto do partido, não é? Para dizer, vamos ver essa história que as igrejas estão a fazer. Então, juntou o conselho cristão, os católicos todos de Nairóbi. Então, dizia: não sou eu, são as Igrejas. São as Igrejas. Pronto. Então, ele assim se escapou. E nós continuamos a fazer o trabalho.

Tanto assim, que Chissano não estava seguro, quando voltamos de Nairóbi, nós e o Conselho Cristão fizemos o relatório do encontro com Dhlakama. Ele disse: bom, agora, vocês bispos fora de serviço. Acabou. Eu vou trabalhar com negociadores.²⁵

No ano seguinte, em agosto de 1989, Afonso Dhlakama compareceu a um encontro com representantes da comissão ecumênica do CCM em Nairobi, no Quênia. No encontro, católicos e protestantes apresentaram 12 pontos elaborados pela Frelimo e receberam 16 pontos elaborados pela Renamo como condições para o início do diálogo. A partir deste momento, os negociadores autorizados pelos dois lados naquele momento: o presidente Arap Mói, do Quênia e o presidente Roberto Mugabe do Zimbábue iniciaram os trabalhos.

²⁴ Entrevista com D. Jaime. Beira, Moçambique, 02/06/2015.

²⁵ Idem.



Como afirma Roberto dela Rocca²⁶, as negociações de paz em Moçambique foram um acontecimento atípico para a diplomacia internacional, especialmente por causa da composição do grupo de mediadores, entre eles o governo italiano, a diplomacia dos Estados Unidos, o governo do Zimbábue e a comunidade religiosa de Santo Egídio, em Roma. A Itália possuía importantes relações com Moçambique desde a época da luta de libertação. Também servia como uma base logística da Frelimo, situada perto de Portugal e da África, local estratégico onde ocorreram muitas reuniões.

A comunidade de Santo Egídio, contribuiu muito com Moçambique em um momento crítico de segurança alimentar. Em 1984, enviou ajuda humanitária e no ano seguinte novamente apoiou com alimentos, medicamentos e equipamentos para projetos de desenvolvimento.²⁷

Foi a comunidade, juntamente com dirigentes moçambicanos e o Vaticano que organizou o encontro imprevisto entre o papa João Paulo II e o presidente Samora Machel em 1985. Numa evidente demonstração de que o encontro de 1982 continuou tendo consequências, como por exemplo, a aproximação entre o governo e a Igreja católica explicitando uma maior aceitação e a instituição religiosa como intermediadora na crise moçambicana.

Em 1987, momento em que as Igrejas em Moçambique começam a intensificar sua movimentação em busca de diálogo com a Renamo, Joaquim Chissano foi recebido pelo papa João Paulo II no Vaticano e questionado sobre as medidas que possibilitariam a concretização da paz. Em 1988, o papa visitou pela primeira vez Moçambique, estreitando as relações entre católicos e o governo.

Mais alguns anos seriam necessários para efetivar algo mais sólido e somente após as negociações em 02 de outubro de 1992 foi assinado o acordo de paz entre a Frelimo e a Renamo, extinguindo a guerra civil que sangrou a sociedade moçambicana. No entanto, a atuação das Igrejas continuou com o objetivo de contribuir para a construção de uma conciliação nacional.

²⁶ DELLA ROCCA, Roberto Morozzo. *Moçambique da Guerra à Paz: História de uma mediação insólita*, 1998. p.13

²⁷ DELLA ROCCA, Roberto Morozzo. *A paz – Como Moçambique saiu da guerra*. Maputo: CIEDIMA, 2012. p. 20.



CONCLUSÃO: ENFIM A PAZ?

O Acordo Geral de Paz foi assinado em Roma no dia 04 de outubro de 1992 pelo presidente Joaquim Chissano e pelo falecido líder da Renamo Afonso Dhlakama. Em 1994, Moçambique teve as suas primeiras eleições que confirmou a vitória da Frelimo. No entanto, este tratado não foi suficiente para garantir a paz.

Depois do acordo de Roma, foram assinados mais dois acordos: o segundo Acordo de Paz de 5 de setembro de 2014, assinado pelo Presidente Armando Guebuza juntamente com o líder da Renamo, Afonso Dhlakama. Um terceiro acordo foi assinado em 6 de agosto de 2019 pelo presidente da Frelimo, Felipe Nyusi e o líder da Renamo, Ossufo Momade, que assumiu a liderança após a morte de Dhlakama em 2018²⁸. Duas semanas depois, foi transformado em lei pelo Parlamento, com os votos dos partidos da Frelimo (Frente de Libertação de Moçambique) e da Renamo (Resistência Nacional de Moçambique). O terceiro partido no parlamento, MDM (Movimento Democrático de Moçambique), absteve-se em grande parte.

Este último acordo tinha por intenção focar na Desmobilização, Desarmamento e Reintegração (DDR) da ala armada da Renamo, uma reintegração socioeconômica dos setores armados da Renamo e consequentemente um enquadramento dessas pessoas nas Forças Armadas de Defesa de Moçambique e nas unidades da polícia. Para maior confiabilidade dos dois lados, o acordo teve a assinatura testemunhada e aprovada por lideranças internacionais como Hage Geingob, presidente da Namíbia e na época presidente da SADC²⁹; Paul Kagame, presidente de Ruanda, Jakoya Mrisho Kikwete, antigo presidente da Tanzânia; Joaquim Chissano, antigo presidente de Moçambique; Don Mateo Zuppi, arcebispo e cardeal de Bolonha, um dos mediadores de Sant' Egidio no Acordo de Roma.

Apesar dos esforços, a paz não chegou em Moçambique. Desde 2017, o país sofre, especialmente a região norte do país, com ataques de insurgentes armados que invadem pequenas vilas para roubar e matar as pessoas. Desta vez, as ações nada têm a ver com a Renamo. Os autores

²⁸ Cf. <https://gazettes.africa/archive/mz/2019/mz-government-gazette-series-i-dated-2019-09-12-no-178.pdf>

²⁹ Comunidade para o Desenvolvimento da África Austral é um bloco econômico formado pela África do Sul, Angola, Botswana, República Democrática do Congo, Lesoto, Madagascar, Malawi, Maurícia, Moçambique, Namíbia, Suazilândia, Tanzânia, Zâmbia, Zimbábue.



das atrocidades são identificados como extremistas islâmicos, mas ainda pouco a respeito das suas articulações, mobilização e agenda política.³⁰

Apesar da paz ser um pouco um objetivo distante, as confissões religiosas seguiram e seguem trabalhando por ela no país. Após os primeiros acordos as Igrejas foram fundamentais neste esforço de reconstrução nacional. Como exemplo, podemos citar o projeto criado por D. Dinis Sengulane, “Transformar armas em enxadas”. A iniciativa tinha por objetivo incentivar a entrega de armas, de forma anônima e independente de qual lado do conflito pertencia. Essas armas eram trocadas por instrumentos de trabalho, como enxadas, máquinas de costura, equipamentos de carpintaria, entre outros.

O projeto vigora até hoje e já destruiu milhares de armamentos. As armas recolhidas são imediatamente cortadas em pedaços para que possam perder a sua utilidade. Com este material, artistas moçambicanos foram convidados a produzir peças que referenciassem a paz. Entre estes artistas, se destaca o belíssimo trabalho de Gonçalo Mabunda. Dentre o trabalho dos católicos, destacamos um desenvolvido pela Caritas Moçambique, denominado Integradores Sociais. Com uma equipe multidisciplinar, as pessoas foram convidadas a conversar sobre os horrores da guerra e tentar uma reconciliação, já que durante a guerra ocorreu casos de assassinatos dentro das famílias por estarem de lados opostos do conflito. Em algumas entrevistas, ouvi relatos que em algumas regiões o assassinato dos membros da família era um rito de iniciação dos jovens soldados da Renamo, como uma tentativa de destruição de qualquer vínculo que não fosse os irmãos de tropa.

Como alertou José Luis Cabaço em uma entrevista³¹, não se pode deixar de considerar que muitas comunidades mais afastadas das cidades e em locais centrais dos conflitos, resolveram com os seus próprios instrumentos religiosos e intelectuais as cicatrizes da guerra, sem necessidade de intervenções das Igrejas de matriz europeia. No entanto, isso não diminui a importância das Igrejas nesse processo de reconstrução, e que foram atuantes também nas primeiras eleições democráticas do país em 1994, com um trabalho de conscientização da importância do voto e da construção de uma democracia. O papel de destaque das Igrejas é nítido na sociedade moçambicana

³⁰ Cf. MORIER-GENOUD, Eric. A insurgência Jihadi em Moçambique: Origens, Natureza e Início. Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (IESE), 2021. Disponível em: https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/Cadernos-21_EricM-G.pdf

³¹ Entrevista com José Luís Cabaço, São Paulo - Brasil, 08/07/2017.



contemporânea, elas representam uma parte da sociedade civil organizada e com status de seriedade. Cristãos e muçulmanos lideram importantes programas de ajuda humanitária para o país, atuam na área de educação e saúde e estão presentes na presidência da Comissão Nacional Eleitoral, além de continuarem com o esforço de medição e as tentativas de diálogo entre a Frelimo e a Renamo.

REFERÊNCIAS

DELLA ROCCA, Roberto Morozzo. **Moçambique da Guerra à Paz: História de uma mediação insólita**. Maputo: Universidade Eduardo Mondlane, 1998.

DELLA ROCCA, Roberto Morozzo. **A paz – Como Moçambique saiu da guerra**. Maputo: CIEDIMA, 2012.

GEFFRAY, Christian. **A causa das armas: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique**. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

GONÇALVES, Jaime Pedro. **A paz dos moçambicanos**. Beira: Edição do autor, 2014.

HANLON, Joseph. **Who calls the shots**. Indiana: Indiana University Press, 1991.

HONWANA, Alcinda Manuel. **Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no sul de Moçambique**. Maputo: Promedia, 2002.

MORIER-GENOUD, Eric. A insurgência Jihadi em Moçambique: Origens, Natureza e Início. **Instituto de Estudos Sociais e Econômicos (IESE)**, 2021. Disponível em: https://www.iese.ac.mz/wp-content/uploads/2021/03/Cadernos-21_EricM-G.pdf

MINTER, William. **Os contra do Apartheid: As raízes da guerra em Angola e Moçambique**. Maputo: Arquivo Histórico de Moçambique, 1998.

SENGULANE, Dinis Salomão. **Vitória sem vencidos**. Maputo: sem editora, 1994.

SILVA, Cristiane Nascimento da. **Viver a fé em Moçambique: as relações entre a Frelimo e as confissões religiosas**. Tese de doutorado em História sobre a orientação de Marcelo Bittencourt Ivair Pinto e de Teresa Cruz e Silva em 2017 na Universidade Federal Fluminense, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2017.

VINES, Alex. **Renamo: terrorism in Mozambique**. York: Centre for Southern African Studies, University of York, 1991.



WEIMER, Bernhard. **Representar palavras com acções? Uma perspectiva crítica sobre Paz Sustentável e Reconciliação em Moçambique.** Friedrich-Ebert-Stiftung: Dakar-Fann, 2020.